

# *Diplomacia e Letras na Correspondência Acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima*

---

*Teresa Malatian*

Leitor ignaro, se não guardas as cartas da juventude,  
não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas,  
não gostarás o prazer de ver-te, ao longe, na penumbra,  
com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas assírias,  
a bailar ao som de uma gaita anacreônica. Guarda as tuas cartas da juventude!  
(*Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Em 1908 José Veríssimo obteve autorização para reunir, como testamenteiro literário, a correspondência de Machado de Assis. Esperava grandes revelações que lançassem luz sobre a vida privada do escritor, cuja atitude de reserva em relação à sua intimidade era de todos conhecida, porém parece ter-se frustrado pela pequena expansão de sentimentos registrada nas cartas.

Josué Montello, em análise posterior, identificou no conjunto documentação pouco reveladora, em si mesma convencional, comparável à “conversa leve, singela e cortês, quando não corresponde apenas ao gesto de quem leva a mão à

---

*Nota:* Este artigo é resultado de pesquisa realizada com o apoio da Fapesp.

aba do chapéu no cumprimento da rua”, concluindo nela predominar “a frase das relações sociais, formal e cautelosa”. O autor das cartas seria o personagem Machado de Assis, o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), “a criatura que o romancista compôs para os convívios humanos e que o levou a não maldizer de ninguém”, cedendo à pressão dos sentimentos apenas perante amigos diletos, como Joaquim Nabuco, Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo (Montello, 1961: 16).

A correspondência machadiana tem sido objeto de diversas coletâneas e nelas a busca de informações confidenciais sobre a vida do escritor acabou confirmando sua atitude reservada e a adoção de uma imagem pública que se tornou um estilo. Resultado desalentador para os historiadores que acreditam nas possibilidades do documento íntimo. Se entre os amigos não se expunha, com os confrades tampouco a polidez e a afabilidade no trato iriam de par com expansões reveladoras de sua intimidade, atitude reforçada pela idade atingida quando da escrita das cartas que foram preservadas. No entanto, é possível resgatar nesses documentos informações importantes sobre o pensamento de Machado com respeito à política, à diplomacia, às transformações da cidade do Rio de Janeiro, às intrigas acadêmicas. Ou seja, a correspondência testemunha uma época e as redes de relações estabelecidas no espaço de sociabilidade constituído pela ABL.

Na Oliveira Lima Library da Catholic University of America, em Washington, e na ABL encontram-se pequenas coleções de cartas de confraria trocadas por Machado de Assis e o historiador-diplomata entre 1900 e 1908. A leitura dos dois conjuntos permite maior compreensão da trama de relações configuradas em diferentes espaços de sociabilidade e que informam a produção e a difusão cultural. Considerando-se que essas redes de relações desdobram-se em vínculos amistosos ou hostis em torno de uma dada visão de mundo e de posições de poder que os agentes ocupam (Bourdieu, 1998), essa correspondência será aqui abordada sobretudo no que se refere à intersecção entre dois campos sociais importantes da Primeira República, a ABL e o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty).

No período em análise, o Itamaraty vinha passando por uma reformulação em termos de sua estrutura funcional, de composição do corpo diplomático e de direcionamento da política externa. No contexto de instabilidade política dos anos iniciais do novo regime, a republicanização do serviço diplomático implicava a substituição dos quadros oriundos do Império por um outro mais comprometido com a República. A ascensão do barão do Rio Branco ao cargo de chanceler em 1902 marcou um importante redirecionamento na organização do ministério, bem como na política externa. O novo estilo de gestão por ele implantado impunha uma centralização de prioridades colocada em termos da



formação e atuação do corpo diplomático, confrontando gestões anteriores que tradicionalmente atendiam de modo mais difuso a variados interesses que desde o Império consagravam procedimentos clientelísticos nas nomeações. Quanto à política externa, redefiniram-se as relações com os Estados Unidos, enfatizaram-se as questões lindeiras e houve promoção do comércio do açúcar e do café, política que implicou o provimento do braço imigrante para a lavoura cafeeira.

O Itamaraty continuava sendo, no entanto, um abrigo para intelectuais que utilizavam a carreira diplomática de modo a tornar possível sua dedicação à produção intelectual. Nesse sentido, constituiu uma matriz articuladora de produção literária e histórica, que era considerada complementar e até mesmo necessária ao exercício da representação diplomática. A hipótese que se desenvolve neste artigo é a de que tal exercício de mecenato buscou diversos campos sociais onde pudesse se expressar, conferindo visibilidade e prestígio aos diplomatas, dando-lhes realce à carreira do qual também dependiam as promoções. Foi o que ocorreu com a presença de diplomatas na ABL.

A presença do Itamaraty no interior da ABL foi consolidada pela indicação de ministros para a agremiação, como Rio Branco, Lauro Müller e diversos diplomatas de carreira. Essa relação entre diplomacia e letras constitui um aspecto pouco explorado pela historiografia, e nesse sentido as cartas em análise fornecem elementos para sua maior compreensão, seja no tocante ao ingresso de diplomatas na instituição, seja na temática de obras publicadas. Enfim, elucidam relações de poder ali presentes.

Tal prática de inserção no campo social da ABL foi possível porque a Academia em suas origens não teve um projeto intelectual que individualizasse um grupo e estabelecesse critérios e prioridades em termos de direcionamentos da produção, recrutamento de membros, apoio mútuo, resolução de conflitos (Masi, 1999). Sua fundação atendeu sobretudo à intenção de reunir cordialmente elementos de diversa extração social e política articulados em torno da *Revista Brasileira*, muito mais um círculo de bons amigos que partilhavam espaços de sociabilidade como livrarias e cafés do que de intelectuais afinados com um projeto cultural específico. Se de início o critério da familiaridade com as letras foi atendido, logo esse requisito foi suplantado pelas exigências do poder, ao qual a agremiação se tornou extremamente vulnerável.

Essas peculiaridades organizacionais e funcionais dos dois campos sociais e de sua intersecção encontram nas cartas trocadas entre Machado de Assis e o diplomata dissidente Oliveira Lima um veículo privilegiado de sua expressão. Sobretudo, trata-se de expressão de vínculos entre o presidente da ABL e um confrade em crescente evidência na cena política e no mundo das letras, onde se afirmava como jornalista, historiador e crítico literário. Ambos haviam participado da *Revista Brasileira*, núcleo articulador dos intelectuais que fundaram a



ABL conduzidos por Lúcio de Mendonça e formaram o grupo dos primeiros quarenta imortais (Oliveira Lima foi admitido entre os dez últimos agregados). Pertencentes ambos à burocracia estatal, eram de formação diversa e ocupavam posições não simétricas no mundo das letras e foram reunidos sob o beneplácito da convivência acadêmica que podia ser feita à distância.

Machado dirigiu a Academia de 1897 a 1908, “a estender sobre os confrades uma doce autoridade comedida, composta mais de silêncios que de palavras” (Montello, 1961). Era o Mestre, a realizar a costura sutil que reuniu em torno das letras diversas tendências políticas da época. Oliveira Lima, nascido no Recife em 1867, vivera boa parte da infância e juventude em Portugal e, como membro do corpo diplomático, esteve muito mais tempo fora do Brasil do que dentro. Sua dupla formação em letras e história tornava-o especialmente dotado para o ingresso no convívio acadêmico, e sua vasta obra constituiu o passaporte inquestionável dessa inserção. Contava, no momento da eleição, 29 anos de idade, dois livros publicados (*Pernambuco, seu desenvolvimento histórico* e *Aspectos da literatura colonial brasileira*), o opúsculo *Sept ans de république au Brésil*, além de razoável produção jornalística (*Jornal do Recife*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro).

O contato entre os dois acadêmicos parece ter-se iniciado quando da viagem de Oliveira Lima ao Rio de Janeiro, em 1895, deixando a legação do Brasil em Berlim, a caminho do posto de secretário de legação em Washington. Inseriu-se então no grupo de escritores da *Revista Brasileira*, deixando registrado em suas *Memórias* o momento de sua apresentação ao escritor por Carlos de Carvalho, titular da pasta do Exterior: “Foi ele quem me promoveu a primeiro secretário nos Estados Unidos e fez de mim grandes elogios a Machado de Assis entre outros, com quem por esse tempo travei relações que se converteram numa boa amizade” (Lima, 1937: 110).

Ao ser escolhido membro da Academia pelos seus fundadores, Oliveira Lima, patrocinado por pernambucanos influentes no Itamaraty, ultrapassou candidatos igualmente ligados à diplomacia, entre eles Rio Branco. Escolheu como patrono da cadeira número 39, que fundou, o historiador e também diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, elogiado em 17 de junho de 1903, quando foi recebido na ABL por Salvador de Mendonça, seu primeiro chefe na legação brasileira em Washington. Vivendo a maior parte de sua vida no exterior, Oliveira Lima pouco freqüentou as reuniões acadêmicas, porém até seu rompimento com a instituição, em 1919, motivado pela discordância em relação ao pagamento dos *jetons*, esteve muito ligado à ABL pelas relações de confraria, acompanhando seus passos à distância e deles participando sobretudo nos momentos de eleição de novos membros. Seus vínculos específicos com a ABL expressaram-se no discurso de posse, o *Elogio de Francisco Adolfo de Varnhagen*,



*Visconde de Porto Seguro*, na participação nos debates sobre reforma ortográfica em 1907 e 1923, na organização em 1909 de uma homenagem a Machado de Assis na Sorbonne, a “Festa da Intelectualidade Brasileira”, e na representação da Academia no II Congresso Científico Pan-Americano de Washington em 1915. Seus artigos sobre temas referentes à ABL foram reunidos por Barbosa Lima Sobrinho no volume *Estudos literários*.

O pequeno conjunto de cartas que se conservou indica uma correspondência pouco assídua, se comparada àquela trocada entre Oliveira Lima e outro confrade, José Veríssimo. Iniciou-se em 1900, quando Oliveira Lima estava trabalhando na legação do Brasil em Londres (promovido a encarregado de negócios) sob a ascendência de Joaquim Nabuco no contexto das negociações em torno do litígio de fronteira com a Guiana Inglesa. Foi naquele momento que o historiador-diplomata parece ter-se dado conta da importância do cultivo do pertencimento à ABL, na qual não havia sido ainda empossado por não ter retornado ao Brasil desde sua admissão entre os imortais. Naquela cidade, onde se reeditavam os chás da roda da livraria Garnier, aderiu aos hábitos e rituais dos acadêmicos, reproduzidos por iniciativa de Nabuco, logo comunicando a Machado de Assis sua inserção nessas normas de sociabilidade: “Estamos aqui com excelente roda, roubada à Revista e à Academia. Às cinco horas, reúnem-se em volta do bule do chá o Nabuco, Graça Aranha, Eduardo Prado e outros” (carta de OL a MA, Londres, 19/9/1900).

A freqüência às rodas literárias do Rio de Janeiro girava em torno da rua do Ouvidor, centro da vida literária e do comércio da cidade durante a Primeira República, com suas livrarias, redações de jornais, tipografias, lojas e intenso movimento. As novidades das livrarias, o círculo de amigos e confrades, o burburinho atraíam escritores fornecendo-lhes espaços de sociabilidade que eram importantes para a reprodução dos vínculos acadêmicos. Na vida diplomática havia então condições para a manutenção dessas relações simbolizadas pelo chá das cinco horas salientado no registro epistolar.

Apesar dessa convivência amistosa, o tom das primeiras cartas enviadas por Oliveira Lima ao confrade foi extremamente cerimonioso, formal, até mesmo com uma certa tendência ao estilo de ofício, indicando pouca familiaridade entre o historiador-diplomata e o presidente da ABL. Este, por sua vez, imprimira desde o início sua marca às cartas, acolhendo o confrade com afabilidade e referendando sua inserção entre os acadêmicos. Somente em 1902 a correspondência passou a indicar laços mais estreitos de Oliveira Lima com a ABL, como se verifica por sua adesão aos processos eleitorais. Nota-se que nessa época interessava-lhe inserir-se mais visivelmente na Academia, pois, apesar de ainda não empossado, solicitou autorização para mencionar a qualidade de acadêmico no livro que publicava sobre o Japão (Lima, 1903b). Obteve assim a inscrição

referendada e legitimadora mobilizada como sinal de identidade a favorecer trânsito no mundo das letras, do qual dependia também seu desempenho no mundo da diplomacia.

A partir daí passou a cultivar relações de pertencimento acadêmico, que obrigavam ao acatamento das normas de vigência das *coteries* que dividiam o mundo literário e consagravam o louvor como traço de identidade, marcando a inclusão/exclusão. Nesse sentido, a correspondência em análise evidencia os percursos da criação literária e histórica em suas dimensões individual e coletiva, por meio do diálogo entre os escritores a respeito de obras que publicaram no período, ofertadas como cortesia de confrades e sobre as quais teciam comentários que complementaram as críticas publicadas sobre as mesmas. As cartas permitem assim visualização mais ampla da biblioteca de Machado de Assis, hoje conhecida em sua incompletude após algumas intervenções redutoras. O intercâmbio dos autores revela livros que não constam do inventário Massa e estão ali registrados em sua passagem pelas mãos e pelos olhos do escritor (Massa, 1961).

O primeiro passo nesse intercâmbio foi dado por Machado de Assis, que resenhou a peça teatral publicada em 1904 por Oliveira Lima, *O secretário d'el-rei*, na qual deu tratamento de comédia ao tema da diplomacia, tendo Alexandre de Gusmão como personagem central. A crítica elogiosa de Machado de Assis, publicada sem assinatura na *Gazeta de Notícias* (2/6/1904), reconhecia o mérito literário de Oliveira Lima, embora seu estímulo não tivesse sido suficiente para novas tentativas de criação no gênero:

O Sr. Dr. Oliveira Lima, entre um e outro livro de história, dá-nos agora uma comédia. Que vos não assuste este nome, vós que não amais as formas fáceis de literatura; nem esta é fácil, como podeis crer, nem deixa de envolver um caso psicológico interessante. Acrescentai-lhe o quadro e a língua, e tereis um volume de ler, reler e guardar. (Assis, 1959 [1904])

Acusado por seus críticos de excessiva benevolência (Grieco, 1969, e Massa, 1998), Machado registrou nessa crítica, além de seu interesse pelo teatro, gênero que considerava promissor em termos de ação educativa, os compromissos de confraria expressos em discreto impulso à carreira literária do diplomata, num de seus últimos escritos sobre teatro:

O talento brilhante e sólido, a instrução paciente e funda, o amor da verdade, tudo isto que o Sr. Oliveira Lima nos tem dado em muitas outras páginas, acha aqui, ainda uma vez, aquele laço de espírito nacional que lhe assegura lugar eminente na literatura histórica e política da nossa terra. Folgamos de o dizer agora, e esperamos repeti-lo em breve.



Publicada em momento difícil da carreira de Oliveira Lima na diplomacia, a crítica valia por um patrocínio prestigioso nos espaços de sociabilidade freqüentados pela burocracia estatal. Na época, Oliveira Lima encontrava-se envolvido em demanda com Rio Branco, tentando reverter sua nomeação para a legação do Brasil em Lima, e procurava no espaço acadêmico apoio para suas pretensões na carreira diplomática. Entre 1903 e 1904 permaneceu no Rio de Janeiro, recusando-se a assumir o posto diplomático no Peru, para o qual havia sido designado, e publicando artigos sobre diplomacia no *Correio da Manhã* (reunidos no livro *Coisas diplomáticas*) nos quais externou suas críticas ao ministro e ao direcionamento da diplomacia brasileira. Longe de resolver a questão, seus artigos contribuíram para agravar os problemas. Sua posse na ABL, realizada no Gabinete Português de Leitura, teve duplo sentido: o de consagração de um escritor prestigiado pela imprensa e inserido na burocracia estatal com alto patrocínio e a exposição de uma dissidência. A pompa acadêmica revestia-se de caráter político e garantia visibilidade ao novo membro e aos seus relacionamentos. A cerimônia de posse, à qual compareceram o presidente Rodrigues Alves, seu chefe da Casa Militar e membros do corpo diplomático português aqui creditado, teve o caráter de consagração num espaço de sociabilidade onde o conflito político estava presente apesar dos esforços de anulação de tensões empreendidos por Machado de Assis. Em seu discurso sobre o patrono, Oliveira Lima encontrou meios de expressar essa dissidência que apenas se iniciava e persistiria até o falecimento do chanceler. A sessão de posse constituiu o momento da explicitação e institucionalização do ingresso do historiador-diplomata não apenas entre os imortais mas entre os adversários de Rio Branco que faziam ressoar no ambiente acadêmico suas disputas na arena política e funcional.

A solução parcial do impasse só ocorreu com sua nomeação, também indesejada, para a Venezuela, onde esteve de 1905 a 1906 como ministro plenipotenciário, trabalhando em protocolos referentes à demarcação de fronteiras. O apoio acadêmico de Machado de Assis era de feitio a aplinar arestas e favorecia as negociações no âmbito do Ministério, pois o chanceler já havia sido também admitido no círculo dos acadêmicos (1898).

Em resposta ao apoio, Oliveira Lima publicou (Lima, 21/11/1904) a única crítica que fez a Machado de Assis anterior ao seu falecimento em 1908, tendo como objeto o romance *Esau e Jacó*, editado no mesmo ano de 1904. Com ela, inseriu-se na polêmica que vinha acompanhando a vida literária de Machado de Assis desde que Silvio Romero publicara *Estudo comparativo de literatura brasileira* (1897). O historiador-diplomata tomou o partido do presidente da ABL, apesar de sua admiração anterior por Romero, externada em *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Nesse momento, abordou alguns temas da polêmica, vendo em Machado um “autor brasileiro único no gênero”, dotado de estilo “limpo e

castiço”, inspirado em Garret, Sterne e Swift. Sua crítica estética e impressionista considerava a obra literária obra de arte e, seguindo José Veríssimo, evitou analisar Machado com o critério científico-naturalista que procurava, como Romero havia feito, encontrar em sua obra uma contribuição à construção da nacionalidade que continuasse a tradição romântica (Ventura, 1991). Oliveira Lima apenas resvalou no escasso interesse de Machado pelas paisagens, que era um dos aspectos da crítica segundo critérios nacionalistas, preocupada em louvar a natureza como decisiva para a construção da unidade nacional, fator de identidade e integração étnica e cultural. Preferiu centrar seus argumentos nos aspectos psicológicos do autor e da obra, posicionando-se na *coterie* que defendia o Mestre.

Insatisfeito com o tom dado à crítica pública e inseguro quanto ao acerto de seus argumentos, completou-a pela apreciação privada em que reafirmou a admiração pela “singularidade” e “sutileza” do autor, reconhecendo a dificuldade de análise da obra, cuja dimensão lhe parecia escapar (carta de OL a MA, Pernambuco, 17/12/1904).

Desde então estreitaram-se entre eles as relações de confraria, evidenciando-se o acatamento das normas de sociabilidade que faziam do louvor traço de identidade e de inclusão. Na correspondência, Machado de Assis passou a tratar mais amistosamente o diplomata e agradecia ao confrade, agora amigo, o

gentil artigo acerca do meu último livro, *Esau e Jacó*. Todo ele, do princípio ao fim, manifesta o seu espírito tão longamente benévolo, ao mesmo tempo que ansioso de buscar a verdade e defini-la. Sucede comigo o que sucederá com os que lhe merecerem simpatia particular; esta dominará o julgamento. (carta de MA a OL, Rio, 4/12/1904)

E completava a resposta com uma pequena expansão de intimidade:

Minha mulher, se pudesse ter lido o artigo, sentiria o mesmo que eu, mas nem sequer leu o livro, posto me dissesse que o leria segunda vez; apenas leu algum trecho, o que me foi confirmado por uma de suas amigas, a quem ela o confessou como prova do estado em que se achava. (Idem, ib.)

Além de revelarem esse intercâmbio literário, as cartas dessa época mostram uma certa concessão em relação ao hábito de escrever em segredo cultivado por Machado de Assis. Em sigilo escrevia, temeroso das inconfidências, porém Oliveira Lima foi um dos que desfrutaram do privilégio da informação restrita. O escritor comunicava-lhe alguns projetos de publicação, forçando a nota da amizade: “Tenho no prelo, em Paris, uma coleção de pequenos trabalhos,



alguns inéditos, outros impressos já, que o Garnier edita. Não disse isto ainda a ninguém, a não ser vagamente, creio que ao Veríssimo.” (carta de MA a OL, Rio, 20/11/1905)

Havia também por parte de Oliveira Lima uma alteração no tom. Empossado na Academia, expressava-se com maior segurança e, se as cartas de Machado eram reservadas, as suas transbordavam de novidades pessoais, de notícias e comentários sobre a política. Sobretudo as do período entre 1905 e 1906 extrapolavam os assuntos acadêmicos e literários para contemplarem também o tema da diplomacia, que se fizera presente na obra machadiana em *Esau e Jacó*, por meio do personagem do conselheiro Aires. Verso e reverso, as cartas se completam e adquirem maior sentido quando cotejadas, pois o estilo transbordante é igualmente calculado para provocar efeitos e mobilizar solidariedades. Nada é inocente nessa correspondência.

A troca de impressões sobre a diplomacia teve início com os comentários de Machado à conferência intitulada “Vida diplomática” (Lima, 22/12/1904) que Oliveira Lima realizou no Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano em 1904. Nela criticava a diplomacia de prestígio que se esgotava na vida social frívola e fazia do cargo uma sinecura, para defender uma diplomacia de representação comercial. Esse texto na verdade explicitava a crescente oposição pessoal do diplomata a Rio Branco e confrontava a diretriz por ele impressa à política exterior brasileira ao priorizar a delimitação de fronteiras, salientada na propaganda de suas vitórias diplomáticas. A troca de impressões sobre o tema foi de início uma resposta de Machado à conferência, cuja publicação em opúsculo recebera do autor, então lotado na legação do Brasil em Caracas. A celeuma provocada pela nomeação indesejada, que movimentara os amigos e aliados do diplomata para tentar revertê-la, transparece filtrada na carta que Machado lhe enviou com sua costumeira afabilidade e tato, procurando amenizar as divergências entre os dois confrades: “Os seus amigos daqui ficamos com os olhos na carreira que continua, certos de que corresponde, agora como antes, à confiança do nosso país. E a literatura e a Academia folgarão igualmente com as suas vitórias, que serão de nós todos.” (carta de MA a OL, Rio, 21/4/1905)

Comentando a conferência, Machado concordava diplomaticamente com as opiniões revisionistas do autor e expressava sua própria concepção da diplomacia: “Tem o tom próprio do gênero e da matéria, a boa distinção do que cabe à diplomacia de hoje, e do que lhe atribui ainda a parte do pessoal que a não vê por outros olhos se não os do fútil; enfim, a definição do que foram entre nós Penedo e Itajubá, entre outros.” (Idem, ib.)

Com tais comentários genéricos, Machado evitava enredar-se no embate entre o diplomata e o titular da pasta, apesar dos apelos de cumplicidade, quiçá de intercessão que lhe fazia Oliveira Lima ao queixar-se do ostracismo e das



atitudes do ministro. Comprometido com a presença significativa de diplomatas na ABL e, sobretudo, com a de Rio Branco, Machado não estimulou a discórdia e procurou contemporizar as acusações de Oliveira Lima, que se queixava do clima da Venezuela, da inexpressividade do posto, do despotismo do presidente venezuelano Castro, da falta de notícias, do isolamento, e lançava um desafio: “Daqui hei de sair assim que o Rio Branco, meu excelente amigo, deixar o posto. Dele nada pretendo, mas pretendo alguma coisa do futuro, uma desforra.” (carta de OL a MA, Caracas, 23/5/1905)

Preocupado com a sobrevivência da ABL, calava-se inabordável o presidente da Academia diante da ira do diplomata dirigida ao chanceler, então em pleno apogeu político. Seu “tédio à controvérsia”, expresso em *Esau e Jacó* e confirmado por suas atitudes, dissolvia o gosto pelo litígio de seu correspondente, jornalista agressivo e plenamente afinado com a moda das polêmicas que vigorava no mundo literário e da qual o ajuste de contas era peça fundamental. Machado de Assis estimulava-lhe as atividades literárias e procurava desviar sua atenção das intrigas diplomáticas, lembrando-lhe o livro que escrevera no Japão e que dizia reler, bem como discutindo a elaboração do *D. João VI no Brasil*. De seu lado, enviou-lhe *Relíquias de Casa Velha*, que o diplomata não resenhou.

O diálogo em torno da diplomacia estabeleceu-se entre os dois escritores sobretudo pela constante evocação do conselheiro Aires, que despertava interesse em Oliveira Lima e o levava a referir-se à sua esposa Flora, lembrança sutil ao autor de *Esau e Jacó* da coincidência do seu nome com o da principal personagem feminina desse romance. No conjunto das cartas dessa época, sobressai o personagem do diplomata e o anúncio da publicação do seu *Memorial*: “O seu Conselheiro Aires aqui aprendeu certamente, pelo efeito que as qualidades contrárias exerceriam no seu espírito, a tolerância, a benevolência, a indulgência, que o distinguiam.” (carta de OL a MA, Caracas, 23/5/1905)

Em 1908, respondendo a Machado o envio do *Memorial de Aires*,<sup>1</sup> Oliveira Lima comentava suas convicções a respeito da diplomacia como instrumento da propaganda, a ser portanto modernizada: “O cons.o Aires do futuro há de ser diferente do seu, que é tão verdadeiro na sua frivolidade ocupada. Não será tão fino, mas não será menos simpático” (carta de OL a MA, Karlsbad, 28/8/1908). Apesar de a obra ter um diplomata como personagem-título, Oliveira Lima não aprovava o estilo de diplomacia que Aires – tratado na correspondência de “colega” – representava. No necrológio que publicou logo após o falecimento de Machado de Assis não poupou o autor ao apontar a “frouxidão do enredo” do livro – que considerava inferior a *D. Casmurro* –, apesar de ressaltar as excelências do estilo, sua originalidade e sedução estética (Lima, 13/11/1908). Esse artigo representa uma inovação no aparato crítico de Oliveira Lima, cada vez menos



crítico literário e mais historiador, a cobrar do romancista maior ambientação histórica do enredo.

Retomava assim parcialmente as críticas feitas na época ao Mestre sobre as tramas fluidas, a construção frouxa, a psicologização do modo de ser dos brasileiros, o distanciamento em relação à escravidão. Descobria no *Memorial de Aires* uma obra com personagens não nacionais, mas universais, volteio argumentativo que lhe permitia permanecer na pauta do louvor de confraria.

É, contudo, nas eleições acadêmicas que se encontram informações ainda mais significativas acerca da intersecção dos campos sociais da diplomacia e das letras no espaço de sociabilidade da ABL, em seus desdobramentos políticos. Desde sua fundação a ABL abrigava número significativo de diplomatas, contando entre os fundadores Aluísio Azevedo, Domício da Gama, Graça Aranha, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Salvador de Mendonça. O momento das eleições expressou não apenas disputas entre diversos campos pela representação acadêmica, mas refletiu as intrigas entre correntes que retalhavam o Itamaraty e tiveram em Rio Branco um divisor de águas enquanto ocupou o cargo de ministro das Relações Exteriores.

Para Machado de Assis, o aspecto eleitoral da vida acadêmica era tão significativo que ocupava constantemente o discurso em suas cartas e exprimia seu esforço conciliador de tendências. Joaquim Nabuco, seu principal eleitor, tinha posição ainda mais explícita em defesa da representação da mais variada extração social na Academia, concebida pelo político pernambucano como reducto de “notáveis” em amplo espectro que incluía tanto as forças armadas como as artes. Nessa concepção a Academia seria um campo social de natureza aglutinadora em torno de uma unidade nacional que mobilizava os campos político e cultural no início da República. Assim se compreende o empenho de Nabuco, integrado à diplomacia após o ostracismo a que foi relegado com a queda do Império, em patrocinar o almirante Jaceguai em 1903, o qual, após várias tentativas, afinal foi eleito em 1907 como representante da Marinha, com o apoio explícito, pela imprensa, de Oliveira Lima.

A atuação de Nabuco tendia, como a de Machado, a dissolver resistências dos acadêmicos refratários às composições eleitorais realizadas conforme o padrão de ecletismo. Empenhou-se assim em convencer recalcitrantes como Oliveira Lima, que em 1902 recusara-se a votar em seu inimigo Assis Brasil, ministro em Washington, com quem se desentendera quando secretário da legação. A correspondência entre Nabuco e Oliveira Lima é exemplar dessa compreensão da ABL:

Desta vez eu acredito que o Assis Brasil irá para a Academia, se se apresentar. Deixe passar o homem. Eu como colega não posso deixar de dar-lhe o meu voto, se ele for candidato, porque voto na

Academia nos candidatos e entre os candidatos quem escolhe para mim é o Machado, que tem que atender à mistura indispensável *dos contrários*. Não lhe aconselho nada, porque a vingança é o prazer dos Deuses, mas deixe passar o homem sem aborrecimento, não por ele que lhe é desafeto, mas pelos amigos que o *prônent*, que são seus amigos (...) Nunca li suas obras. (carta de JN a OL, Londres, 23/3/1902)

Insensível a tais argumentos, Oliveira Lima deu seu voto ao pernambucano Martins Júnior e com isso não só se manteve em sua posição dentro das facções do Itamaraty como preservou os laços com Pernambuco. Sua participação nas cabalas eleitorais desde então foi bastante ativa, e suas *Memórias* trazem o testemunho condensado dessa atuação. Seus posicionamentos como eleitor acadêmico tiveram dois eixos cruzados sempre que possível, a saber, a inserção no Itamaraty e nas suas facções e as relações com Pernambuco, seu estado natal e base política. Era significativa a presença de pernambucanos na ABL, onde a influência e o prestígio de Joaquim Nabuco se impunham. Ligado a Pernambuco por laços de nascimento, casamento, apoio político e obra histórica, Oliveira Lima comportou-se nas eleições acadêmicas como eleitor de candidatos coestaduanos, muitas vezes seguindo as indicações de Nabuco e, após o rompimento entre os dois diplomatas, em posição mais independente. Ajudou a eleger os pernambucanos Martins Júnior, Artur Orlando e Sousa Bandeira e apoiou o historiador Alfredo de Carvalho, derrotado pelo general Dantas Barreto.

A correspondência permite verificar vários desses confrontos, gerados na intersecção dos campos literário e diplomático. Um deles estabeleceu-se por ocasião da eleição de Mário de Alencar. Sua candidatura, patrocinada por Machado de Assis, foi logo encampada por Rio Branco contra Domingos Olímpio, que era seu desafeto e seu subordinado na missão encarregada da resolução do conflito de fronteira com a Argentina na região das Missões. A divisão dos eleitores constituiu assim um alinhamento que reproduzia questões internas do Itamaraty (Viana Filho, 1989).

Residindo na Venezuela, Oliveira Lima não deixou de acompanhar as articulações controvertidas deste pleito, votando em Domingos Olímpio. Inconformado com a vitória do candidato apoiado por Rio Branco, manifestou-se abertamente, e é possível que sem o saber, contra seu principal articulador, o qual aliás mantivera-se em silêncio durante as cabalas que fizeram valer sua opinião:

Senti o que se passou com relação à eleição p.a a Academia na vaga do Patrocínio. É a 1.<sup>a</sup> vez que a Academia é atacada pela escolha feita (digo eleição), mas também é a 1.<sup>a</sup> vez, desde a eleição do João Ribeiro, que ela não foi justa. Compreendo perfeitamente o seu voto



pelo Mário: o sr. é o seu pai espiritual, foi o seu mentor literário, está preso a ele por laços de carinho: outros votos é que não compreendo, pois não posso admitir que se queira esposar ódios do Rio Branco e fazer-lhe a corte cometendo um ato de improbidade literária, porq. alguns devem ter votado contra a sua consciência. (carta de OL a MA, Caracas, 20/12/1905)

Revela-se assim em torno do assunto polêmico um confronto direto com Machado, porém ao gosto pelo litígio Machado opôs o desejo de concórdia, encaminhando a conciliação que permitiu a ambos permanecerem em relações amistosas. A resposta do presidente consistiu em ignorar as críticas diretas, apenas respondendo com o silêncio que correspondia a uma censura e convidando o historiador-diplomata para a posse do novo confrade. Tecia com os confrades a trama complexa do quadro acadêmico no qual a presença do Ministério das Relações Exteriores sem dúvida contava .

A eleição de Artur Orlando propiciou outro desses embates. O escritor pernambucano publicara a obra *Pan-Americanismo* (1906), com a qual participava do debate central das diretrizes da política externa brasileira na época – e o fazia em posição próxima à de Oliveira Lima, que condenava em artigos de intensa repercussão a excessiva aproximação de Rio Branco com os Estados Unidos e se identificava assim como anti-rooseveltista.<sup>2</sup> Essa afinidade na política e a oposição à candidatura de Assis Brasil que novamente se anunciava motivaram Oliveira Lima a patrocinar a candidatura de Artur Orlando, eleito em 1907 apesar de resistências no campo diplomático, como se pode depreender de carta enviada por Euclides da Cunha a Domício da Gama relatando o patrocínio de Oliveira Lima e pedindo a “intervenção do nosso eminente chefe que, evidentemente, é indispensável. Do contrário, uma resolução tardia do Assis talvez seja outra derrota” (Rio, 9/12/1906). A recepção de Artur Orlando ficou a cargo de seu patrocinador, Oliveira Lima, cujo discurso teve como mote a diplomacia.

O ponto culminante dessa prática política de intersecção dos campos literário e diplomático ocorreu com a eleição de Lauro Müller, substituto de Rio Branco no Itamaraty e em seu assento acadêmico, vacante em 1912. Jejuno em literatura, Müller teve a candidatura impugnada por Salvador de Mendonça apesar do apoio de Mário de Alencar. A eleição abalou a ABL . José Veríssimo manifestou a Mário de Alencar sua reação indignada contra a influência do Itamaraty na Academia, que considerava transformada numa seção desse ministério. Atribuía a responsabilidade por essa interferência a Rio Branco, que como ministro havia estabelecido a prática de jogar sua influência e seu prestígio nas eleições acadêmicas (Montello, 1961). O embates repercutiram as correntes de oposição ao chanceler, que contava com fortes adversários na política interna desde a assinatura em 1903 do Tratado de Petrópolis, que solucionara a questão

do Acre, bem como as lutas políticas ainda não cicatrizadas da Campanha Civilista.

A indignação de Veríssimo com a eleição de Lauro Müller, que considerava ilegítima, resultou em sua renúncia à secretaria da ABL e, logo depois, ao seu afastamento da instituição que naquele caso sobrepunha o cargo do ministro aos ausentes méritos literários. A posição assumida por Oliveira Lima indica o quanto a eleição estava impregnada pela trama de interesses e relações do campo diplomático. Na época, o historiador pleiteava aposentadoria do serviço diplomático, após tormentoso período de confrontos com Rio Branco. Mobilizava todos os possíveis apoios à sua pretensão de beneficiar-se de legislação que concedia aposentadoria aos diplomatas com vinte anos de carreira. Preenchia esse requisito e, na iminência de perder o amparo legal, adicionava laudos médicos como argumentos à sua solicitação. Nesse contexto, utilizou a eleição para desta vez ficar do lado certo do Itamaraty, votando em Lauro Müller apesar de discordante de sua *coterie* (Rui Barbosa, José Veríssimo e Salvador de Mendonça), que apoiou a candidatura adversária de Ramiz Galvão.

A eleição de Lauro Müller foi conturbada a ponto de mobilizar votos de acadêmicos diplomatas, de seus parentes e pretendentes ao ingresso na carreira. A conselho de Salvador de Mendonça, Oliveira Lima transgrediu com as solidariedades acadêmicas e votou no novo chanceler, sem dúvida pragmaticamente após anos de ostracismo e oposição ao titular anterior da pasta. Como afirmava Salvador de Mendonça, “o poder, mais do que nunca, é o poder”, e, como a ABL não era imune a ele, nem sempre os critérios literários eram vitoriosos. Feita a escolha, após hesitar diante do quadro, Oliveira Lima foi felicitado pelo confrade pelo cuidado que tivera em preservar sua carreira:

Estimei muito que você votasse no Ministro, só para se desembaraçar do mau passo em que se acharia, caso lhe negasse o voto; porque tenho como certo que nem o aposentaria, nem lhe daria licença para vir aos Estados Unidos. Com o seu voto folgaram muito, por verem de seu lado um homem sério. O Rui também concorda comigo que era o melhor que Você podia fazer nas circunstâncias em que se achava. (carta de SM a OL, Rio, 26 de setembro de 1912)

A compreensão dos interesses em jogo nas articulações eleitorais e de seu manejo pelas *coteries* é exemplarmente colocada por Salvador de Mendonça ao exortar o amigo a manter-se em silêncio sobre seu voto:

Antes de tudo desejo dizer-lhe que nada deve Você explicar acerca de seu voto no Lauro Müller, antes de ter segura a sua aposentadoria. Ao passo que toda a súplica do Itamaraty regozijou-se por ver de seu lado um voto de homem sério, qualquer explicação que



contrariasse a boa impressão neles deixada por Você, dar-lhe-ia o desgosto de os ver dar para trás na sua aposentadoria. (carta de SM a OL, Rio, 5/10/19120)

Portanto, a ABL, apesar de concebida para permanecer um reduto intelectual afastado dos engajamentos políticos e das ingerências institucionais (Gomes, 1996), não logrou permanecer nessa proposta dada a interligação dos campos sociais que resulta em pertencimentos múltiplos dos agentes sociais. O campo diplomático, por abrigar muitos escritores, tendeu a procurar intersecção com a ABL, onde, se não obteve hegemonia, ao menos conseguiu estabelecer ampla penetração do poder estatal em seus diversos desdobramentos pela presença de membros do corpo diplomático na instituição. Constituiu assim uma arena da política pela manipulação da consagração no mundo das letras como recurso de visibilidade e legitimação do Estado em sua proposta de organização da nação republicana.

### Notas

1. Carta de Machado de Assis a Oliveira Lima, Rio, 1/8/1908, transcrita em Montello (1997).

2. Esses artigos foram reunidos no volume *Pan-americanismo (Monroe-Bolívar-Roosevelt)* (1907).

### Referências bibliográficas

ASSIS, J. M. Machado de. 1953. *Correspondência* (coligida e anotada por Fernando Nery). São Paulo, Jackson.  
———. 1959. “Oliveira Lima: secretário d’el-rei”, *Obras completas*, v. III. Rio de Janeiro, INL.  
BOURDIEU, Pierre. 1998. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil.  
GOMES, Angela M. de C. 1996. *História e historiadores*. Rio de Janeiro, FGV.

GRIECO, Agripino. 1969. *Viagem em torno a Machado de Assis*. Rio de Janeiro, s.c.e.  
LIMA, M. de Oliveira. 1895. *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*. Leipzig, F. A. Brockhaus.  
———. 1896a. *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Leipzig, F. A. Brockhaus.  
———. 1896b. *Sept ans de République au Brésil*. Separata da *Nouvelle Revue*, Paris.

- . 1903a. *Elogio de Francisco Adolfo de Varnhagen Visconde de Porto Seguro*. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio.
- . 1903b. *No Japão. Impressões da terra e da gente*. Rio de Janeiro, Laemmert.
- . 1904a. *O secretário d'el-rei*. Rio de Janeiro, Garnier.
- . 1904b. "O último romance de Machado de Assis", *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/11.
- . 1904c. "Vida diplomática", *Jornal do Recife*, 22/12.
- . 1907. *Pan-Americanismo (Monroe-Bolívar-Roosevelt)*. Rio de Janeiro, Garnier.
- . 1908a. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio.
- . 1908b. "A morte de Machado de Assis", *O Estado de São Paulo*, 13/11.
- . 1937. *Memórias (Estas minhas reminiscências)*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- . 1975. *Estudos literários* (reunidos e selecionados por Barbosa Lima Sobrinho). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- MASI, Domenico de. 1999. *A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- MASSA, Jean-Michel. 1961. "La bibliothèque de Machado de Assis", *Revista do Livro*, 6.
- . 1998. "A juventude de Machado de Assis", in BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MONTELLO, Josué. 1961. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins.
- . 1997. *Memórias póstumas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- VENTURA, Roberto. 1991. *Estilo tropical*. São Paulo, Companhia das Letras.
- VIANA FILHO, Luís. 1989. *A vida de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- (Recebido para publicação em julho de 1999)